

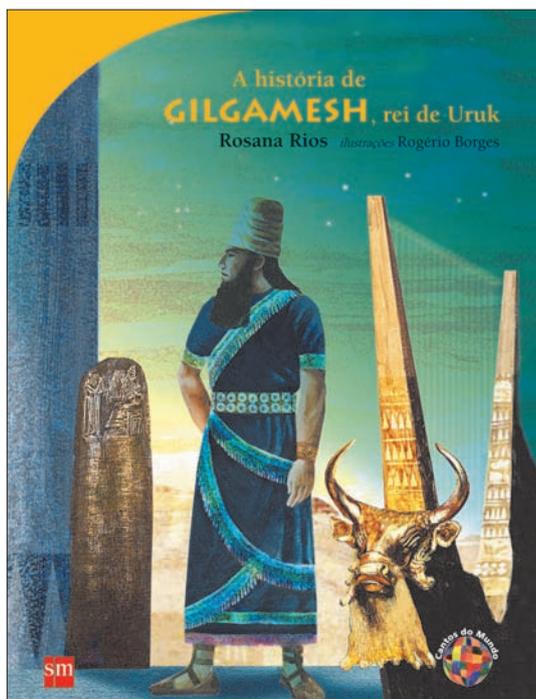
A história de Gilgamesh, rei de Uruk

Rosana Rios

Ilustrações Rogério Borges
Temas Arqueologia; Mítos



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas

A AUTORA Rosana Rios nasceu em São Paulo, em 1955. Formada em Artes Plásticas e Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, é escritora premiada de literatura infantil e juvenil, arte-educadora e ilustradora. Também faz roteiros para programas de televisão e escreve peças de teatro para crianças e jovens. Especialista em mitologia, folclore e RPG, Rosana é uma fonte inesgotável de histórias, com mais de 80 títulos publicados.

O ILUSTRADOR Rogério Borges nasceu em Ponta Grossa, Paraná. Escritor e ilustrador, mora em Avaré, numa casa grande, onde mantém um estúdio. Já participou de exposição de ilustradores nas feiras de Frankfurt e Bolonha e recebeu vários prêmios, entre eles o Jabuti, em 1996.

A IMPORTÂNCIA DESTA NARRATIVA

A epopéia de Gilgamesh é conhecida como um dos primeiros relatos de que se tem registro escrito. É um tipo de história distante daquelas com que os alunos estão familiarizados. Ela causa certo estranhamento, por ser de uma cultura muito diferente da nossa. São outros valores, crenças e concepções de mundo que, no entanto, por meio da narrativa alcançam gerações futuras e exigem um esforço de compreensão. A importância da história de Gilgamesh, então, está nas suas peculiaridades e no que elas trazem de diferente em relação à maneira como vivemos hoje.

Impossível destacar a importância desse texto sem falar de seu aparecimento, há 4 mil anos. Mas dizer que sua relevância reside apenas no fato de ser a primeira narrativa de que se tem registro escrito não ajuda no trabalho didático. O passado não interessa em si mesmo.



2008996274995



Sedentarismo e escrita

Até cerca de 10 mil anos atrás, antes de adquirir o hábito de cultivar a terra, homens e mulheres viviam como nômades. Quando desenvolveram uma agricultura incipiente, graças a inovações tecnológicas simples, conseguiram produzir e armazenar alimentos. Puderam, portanto, tornar-se sedentários. Parece elementar, mas nisso reside algo de grande importância, com consequências que se estendem até hoje: sociedades sedentárias tendem a ser mais populosas, pois não têm de gastar tempo e energia se deslocando com frequência nem enfrentar os riscos de tanta movimentação. Com isso, o crescimento populacional foi grande. A vida sedentária teve início na região da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates.

As pessoas passaram a habitar um mesmo lugar por um tempo prolongado, o que fez surgir as primeiras cidades e produziu necessidades novas. É fácil encontrar um líder num grupo nômade de 30 pessoas, por exemplo. Mas como escolher um governante num universo de centenas e às vezes milhares de pessoas? Como prover comida e habitação a toda a sociedade? Como registrar e transmitir práticas sociais e ensinamentos aos mais jovens? Essas sociedades são conhecidas como as “primeiras sociedades complexas da história”. Foram elas que desenvolveram a escrita.

Fundamental é considerar o fato de que há 4 mil anos determinada sociedade que vivia na região conhecida hoje como Oriente Médio começou a registrar por escrito suas histórias e, com isso, transmitir aspectos de sua cultura às gerações seguintes. Em outras palavras, a mesma sociedade que, segundo alguns historiadores, inventou a escrita também criou a literatura.

Estudiosos relacionam a origem da escrita ao surgimento de sociedades complexas e à necessidade de registrar as leis, as transações comerciais, as relações de poder etc. A narrativa de Gilgamesh, porém, mostra que, assim como a economia, a política e o direito, as histórias fazem parte do ser humano: não existe comunidade que não tenha produzido relatos (orais, escritos, sagrados, profanos, trajetórias de vida) a respeito de suas próprias experiências.

Antes, a escrita não era necessária. Trocavam-se produtos, mas não havia comércio freqüente entre grupos nômades. Os líderes da comunidade eram em geral os mais fortes ou os velhos, e não havia necessidade de eleger um governante. Aos anciãos cabia também o cuidado com as crenças e a religião. Os ensinamentos e a cultura eram transmitidos oralmente, em rodas de histórias ou no dia-a-dia.

Nas cidades, a escrita se tornou elemento-chave para todas essas atividades: registrava as trocas, fixava leis que valiam para todos e reproduzia as narrativas antes transmitidas oralmente.

Graças a esses registros temos hoje acesso à epopéia de Gilgamesh, rei de Uruk. Os fragmentos reunidos por historiadores e arqueólogos estão bastante danificados, e diversas partes do relato ainda não foram recuperadas. No entanto, estudiosos da cultura dos sumérios (povo que então habitava a Mesopotâmia) estabeleceram um texto de referência a partir de fragmentos da narrativa.

A busca da imortalidade é o tema central de *A história de Gilgamesh*. Trata-se de uma questão antiga e, paradoxalmente, bastante atual. Podemos dizer até que é arquetípica, ou seja, compõe a essência do ser humano. Somos mortais e, portanto, inevitavelmente preocupados com a morte. Diversas grandes narrativas tematizam o desejo de imortalidade. Entre os românticos, por exemplo, a questão era intensa: os muitos “pactos com o diabo” firmados em narrativas do primeiro romantismo, no século XVIII, dão conta de vários aspectos da imortalidade. Para citar outro exemplo, o tema aparece também em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Publicado no começo do século XVII,

O Herói

Nas narrativas da Antigüidade (mesopotâmicas, gregas, romanas), os heróis são seres híbridos, metade humano e metade divino. Como os deuses podiam ter filhos com humanos, os heróis são fruto desses relacionamentos. Há também os que são filhos de dois deuses, mas todos os heróis desfrutam uma vida entre os humanos. Em geral, são mortais como os homens, mas têm poderes (força física, astúcia) que parecem divinos. Quase sempre têm acesso mais fácil aos deuses (recebem mensagens, ensinamentos e proteção) e, não raro, desafiam os poderes de tais deuses. Esses desafios transcorrem, na maior parte das vezes, durante viagens que compõem as sagas. Todos esses elementos, de uma forma ou de outra, aparecem em *Gilgamesh*.

Com o passar do tempo, o conceito de herói sofreu modificações na cultura ocidental. Eles deixaram, por exemplo, de ser filhos de deuses, uma vez que o monoteísmo — o culto a um único Deus — tornou-se predominante. Vale lembrar que o monoteísmo não prevê relacionamentos carnis entre Deus, santos e humanos.

De qualquer forma, certos aspectos da figura do herói sobrevivem. Ainda nos dias de hoje, sobretudo quando consideramos as histórias em quadrinhos ou desenhos animados, os heróis são figuras que se destacam e cumprem um papel importante. Mesmo que não tenham superpoderes, estão imbuídos de uma missão. Os heróis das novelas de cavalaria medievais são desprovidos de poderes divinos, mas protagonizam uma saga crucial na sociedade que produziu aquela narrativa.

o romance conta a história de um fidalgo que pretende se tornar imortal graças aos seus feitos de cavaleiro andante (que terminam devidamente registrados em livro...).

No entanto, de Gilgamesh, não apenas o tema da imortalidade sobreviveu e reapareceu ao longo da história da literatura. O papel literário, seminal e pioneiro dessa epopéia se estende a outros universos. As narrativas épicas, comuns na cultura ocidental até as novelas de cavalaria da Idade Média, se compõem de uma saga. Esse conceito é importante para nos aproximarmos da história de Gilgamesh.

Nela, assim como em obras posteriores — a *Odisséia*, de Homero, a *Eneida*, de Virgílio, ou mesmo *Dom Quixote* —, o protagonista faz uma viagem. Sai de sua cidade em busca de algo e retorna à mesma cidade com os aprendizados de sua jornada na bagagem. Durante o trajeto — Ulisses na *Odisséia* ou Gilgamesh nesta narrativa —, os personagens enfrentam perigos, tentações, privações e provações.

Ao percurso geográfico corresponde um trajeto psicológico do personagem — e também dos leitores. A saga, portanto, pressupõe o afastamento do lugar de origem, uma série de provações e o retorno ao lugar da partida.

Gilgamesh é a mais antiga narrativa de que temos notícia e cumpriu papel decisivo no estabelecimento de grandes temas da literatura universal. Outro desses temas, sem dúvida, é a representação do herói: Gilgamesh é, além de rei e protagonista, um herói em sentido pleno.

CULTURA DOS POVOS MESOPOTÂMICOS

Sumérios, babilônios, acádios e assírios habitaram a região fértil entre os rios Tigre e Eufrates durante um longo período da Antigüidade (pelo menos entre 5000 a.C. e 1000 a.C.). Nenhum desses povos chegou a dominar completamente uma região contínua, compondo o que chamaríamos de um império. Sua estrutura política previa certa independência entre as cidades-estado, entre as quais Uruk (governada por Gilgamesh), Ur, Sumer, Nipur, Babilônia e Nínive. De tempos em tempos, uma dessas cidades exercia domínio (político, econômico e militar) sobre as demais, mas todas conservavam seus próprios governos, aliando-se ou não à cidade-estado mais poderosa.

O Crescente fértil

É estranho pensarmos hoje que esses povos habitavam o Golfo Pérsico, região que atualmente é conhecida pela paisagem desértica e rica em petróleo (recurso que os povos da Mesopotâmia não conheciam). Entre os estudiosos, convencionou-se chamar essa região de Crescente Fértil, por conta da situação natural privilegiada que desfrutava na época.

Com as cheias periódicas do Tigre e Eufrates, assim como ocorria na região próxima ao Nilo, formava-se entre os dois rios uma planície propícia ao cultivo de produtos alimentícios. Diferentemente do que ocorre hoje, portanto, na Antiguidade o Golfo Pérsico era uma das regiões mais férteis do mundo.

Como as cidades-estado viviam de modo independente, com frequência entravam em guerra e disputas. O inimigo estava do lado de fora dos muros. Dentro deles precisavam reinar a concórdia e a harmonia para a cidade se tornar mais forte diante de inimigos externos.

Estrutura político-administrativa semelhante existia na Grécia antiga, mas não ocorreu posteriormente na Roma imperial. O império romano estendeu domínios por uma região vasta (chegou a dominar a Europa ocidental e o norte da África), mantendo o poder centralizado. Certos aspectos da cultura mesopotâmica — religiosidade, alimentação e organização social — foram assimilados e reinventados por sociedades posteriores, como a grega e a romana.

Assim como ocorria com os egípcios, por exemplo, na cultura mesopotâmica as diferenças sociais começaram a se tornar mais evidentes com o desenvolvimento da escrita e a maior complexidade de organização comunitária. Enquanto nas áreas rurais viviam os produtores de alimentos, as cidades passaram a abrigar artesãos e, principalmente, os chamados “especialistas”, como os sacerdotes e os escribas.

Entre os mesopotâmicos, poucos sabiam ler e escrever. Mesmo os reis e governantes não tinham obrigação de sabê-lo e, em geral, tinham um escriba que lia e escrevia para eles. Conseqüentemente, quem sabia ler e escrever era valorizado e detinha poder. Nas sociedades mesopotâmicas, os escribas eram, portanto, figuras importantes e ocupavam posição de destaque.

Assim como nas sociedades gregas e romanas, as mulheres tinham um lugar social inferior ao dos homens. Entre os sumérios, por exemplo, um homem podia se casar e/ou manter relacionamentos íntimos com quantas mulheres quisesse.

Além de pioneiros na escrita, os mesopotâmicos foram os primeiros povos também na constituição de bibliotecas. Com o aparecimento da escrita cuneiforme, os reis mesopotâmicos (Assurbanípal, por exemplo) passaram a manter bibliotecas com placas de barro que traziam inscritas narrativas como a de Gilgamesh. Havia ainda grande produção de mosaicos, e técnicas de fabricação de tinta para tecidos foram desenvolvidas e seriam utilizadas por centenas de anos na região do Mediterrâneo.

COMO TRABALHAR O LIVRO EM SALA DE AULA

A história de Gilgamesh é uma das primeiras narrativas de que temos conhecimento. Talvez os alunos reajam bem a essa informação — podem impressionar-se e perceber que o passado tem interesse. Mas também é possível que o professor tenha de lidar com indiferença. É preciso mostrar aos alunos a possibilidade de construir vínculos entre o passado da humanidade e a experiência contemporânea.

A narrativa conta a história de um rei poderoso, “dois terços divino e um terço humano”, envolvido em diversas aventuras. Nessa epopéia estão também presentes deuses que, como a própria autora esclarece no anexo, têm personalidade como os seres humanos e se comportam à maneira dos deuses gregos.

Gilgamesh não alcança a imortalidade que tanto deseja (ou melhor, a alcança, mas logo a perde e não pode usufruí-la), o que faz dele humano. Por outro lado, podemos afirmar que ele conseguiu a almejada imortalidade, já que sua história foi registrada por escrito e sobreviveu até hoje. Essa é uma abordagem interessante para uma discussão em sala de aula: o que é afinal a imortalidade buscada por Gilgamesh e de que outras maneiras ela está presente na atualidade?

Outro assunto que costuma despertar a curiosidade dos alunos é a mitologia de maneira geral e, em particular, a mitologia dos povos antigos. Talvez seja proveitoso iniciar a atividade de leitura com a breve apresentação de “Mitos da Mesopotâmia”, o prefácio escrito pela autora. Uma leitura compartilhada desse texto em sala favorece a recuperação, pelos alunos, de informações e conhecimentos prévios sobre mitologia.



Dicas

Recuperar conhecimentos prévios dos alunos, por exemplo, acerca da mitologia greco-romana, a fim de propor um trabalho de leitura sobre Gilgamesh, pode trazer algumas dificuldades. Como já estamos muito distantes no tempo das sociedades mesopotâmica, grega ou romana, o que conhecemos hoje sobre elas vem, muitas vezes, mais carregado de mitos contemporâneos do que de informações fidedignas sobre a maneira como elas pensavam e agiam.

Um exemplo ajuda a desenvolver uma análise com os alunos. Nesse caso, sugerimos que o professor passe o filme *Gladiador*. Ele conta a história de um comandante do exército romano que se torna escravo para, em seguida, derubar um imperador tirano. Maximus, o personagem central, é apresentado como um grande herói romano. Ele faz uma viagem desde a Espanha, passando por diversos campos de batalha, até chegar a Roma e, então, retorna para sua casa numa espécie de transe.

No filme, Maximus é um herói, mas será que também o era para os povos antigos? Nas culturas antigas, quais eram as características de um herói? Para ser considerado herói, bastava “fazer o bem e ser justo”? Essas diferenças de ponto de vista podem ser exploradas pelo professor numa comparação entre ele e Gilgamesh. O que aproxima as experiências dos dois? O que há de diferente nas trajetórias de ambos?

A história de Gilgamesh tem uma estrutura bem articulada. O professor pode explorar com os alunos certas regularidades e recorrências que aparecem no texto. Vale a pena, por exemplo, indicar que os sonhos desempenham papel central na trama. Como são esses sonhos? Qual a concepção de sonho para os sumérios? Qual a importância que davam a eles?

Nesta narrativa, os sonhos são vistos como mensagem dos deuses. Sonhos também parecem antecipar acontecimentos e sugerir ações aos personagens. Há outros exemplos de valores dos mesopotâmicos. É claro o repúdio à violência e à truculência de Gilgamesh, no início da narrativa. Os humanos se queixam aos deuses das discórdias provocadas pelas atitudes intempestivas de seu rei. Entendem que esse líder deveria trabalhar pela harmonia da sociedade e não provocar a discórdia.

Por outro lado, o povo admira Gilgamesh pela sua força (ninguém o vence nas lutas). Isso talvez aconteça em função do imaginário característico dos grupos nômades, que associavam o poder de um governante ou líder à sua força física. Conversar sobre esses assuntos durante a leitura compartilhada favorece a compreensão da história.

Uma boa proposta de atividade é a recuperação do aspecto histórico da narrativa. O professor pode pedir uma pesquisa sobre os povos da Antiguidade. Como eram as sociedades da Mesopotâmia? Assim, os alunos travam contato com o trabalho do arqueólogo e do historiador. Como esses pesquisadores chegam a conclusões? Como descobrem certos dados a respeito de uma sociedade que nem existe mais?

Um tema delicado, mas fundamental, é o da morte, da busca da imortalidade e do medo da morte. Os alunos começam a desenvolver a compreensão de que todos morreremos um dia. É algo fundamental para qualquer ser humano, pois determina o limite da experiência, vivida subjetivamente por cada um. Pode ser interessante, depois da leitura, propor uma roda de discussão sobre como os alunos vêem a morte.

Para a literatura universal, *Gilgamesh* é uma narrativa ancestral que define modos de pensar e entender o mundo. Os alunos podem coletar histórias ancestrais de suas próprias famílias, entrevistando os avós (ou até bisavós) ou apenas pedindo que os mais velhos lhes relatem algumas histórias antigas que preservam a memória e a história familiares.

SUGESTÕES DE LEITURA

- *Gilgamesh*. Tradução de Maysa Monção Gabrielli. São Paulo: Cone Sul, 1998. Trata-se de uma tradução bastante fidedigna, e não de uma versão. Por esse trabalho, a tradutora foi premiada no II Festival Universitário de Literatura.
- *Gilgamesh*. Adaptação teatral de Antunes Filho. São Paulo: Veredas, 1999. Col. Em Cartaz. Além de uma versão importante e muito interessante da epopéia de Gilgamesh para o teatro, o livro traz textos de apoio.
- *Lendo o passado: a história da escrita antiga, do cuneiforme ao alfabeto*. Introdução de J. T. Hooker. São Paulo: Edusp/Melhoramentos, 1996. O livro traz uma série de textos de especialistas sobre as escritas antigas, inclusive sobre o cuneiforme sumério.

SUGESTÕES DE SITES

- Gilgamesh na Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilgamesh>. Texto de caráter informativo sobre a epopéia de Gilgamesh.
- Rubedo – Artigos – Introdução ao mito de Gilgamesh: <http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/intgilga.htm>. Texto interessante de Rivakah Schärf Kluger sobre as relações entre o mito de Gilgamesh e a psicologia.

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

- *As panquecas de Mama Panya*, Mary e Rich Chamberlin
- *Os amantes do lago Rotorua*, Rogério Andrade Barbosa
- *O chamado de Sosu*, Meshack Asare
- *Contos da montanha*, Lúcia Hiratsuka
- *Histórias de Ananse*, Adwoa Badoe
- *Contos de um reino perdido*, Erik L’Homme
- *Contos e lendas de Macau*, Alice Vieira

ELABORAÇÃO DO GUIA DANIEL HELENE VIEIRA (EDUCADOR E CONSULTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL 1 E 2); PREPARAÇÃO BRUNO ZENI; REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA E MÁRCIA MENIN

